



Foto: Leonardo Bittencourt

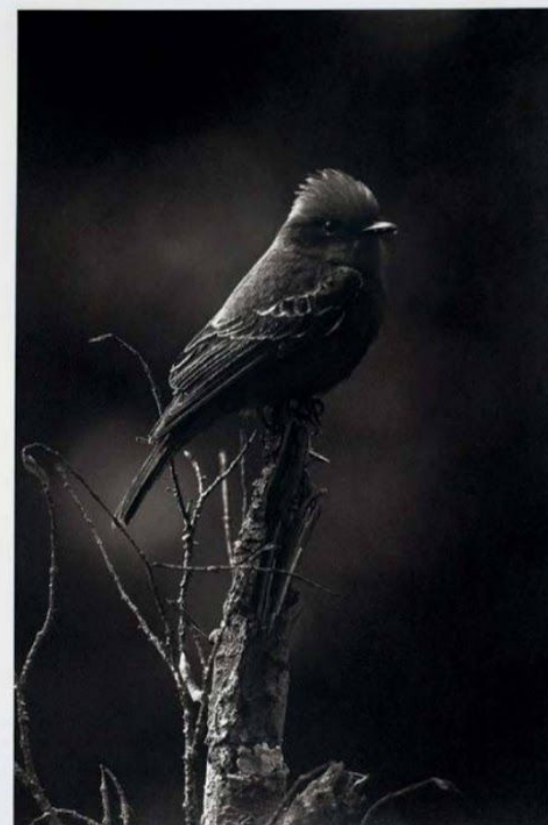
Alquimia em tempos digitais

POR MÁRIO FITTIPALDI

Ainda usada, a platinotipia garante imagens de extrema beleza graças à sua enorme gama tonal. Saiba mais sobre a técnica de impressão química por platina e paládio

Misturar elementos, emulsionar papel, expor à luz ultravioleta e depois a seguidos banhos químicos parece coisa do passado. E é mesmo: a platinotipia, processo de impressão de imagens fotográficas que utiliza sais de platina e paládio pa-

ra fixar a imagem no papel, foi patenteada em 1873 pelo britânico William Willis. Como todo processo químico fotográfico, viveu seus dias de ostracismo. Contudo, em plena era digital, vem sendo resgatado por fotógrafos de renome de várias partes do mundo não só pelo casamento perfei-



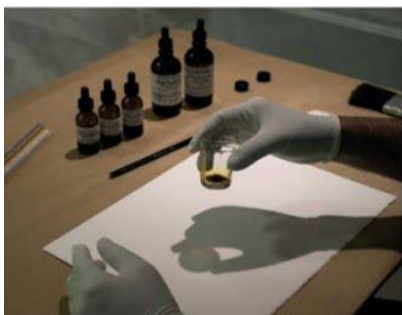
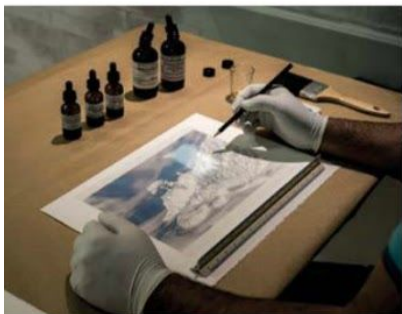
to entre a tecnologia atual e o charme dos processos de ampliação P&B do passado, mas sobretudo graças à excelente qualidade da impressão resultante e da grande durabilidade.

Leonardo Bittencourt, fotógrafo e impressor de Itajaí (SC), é pioneiro na técnica de platina e paládio no Brasil. Ele explica que as fotos impressas por platinotipia são belíssimas, com riqueza de detalhes e

ampla gama tonal de cinza. "O impressor pode controlar aspectos como o contraste, dependendo da intensidade da exposição à luz UV, o tom, que pode ir do preto-sépie ao preto quente e intenso, dependendo da proporção entre platina e paládio, entre outros fatores, para obter uma imagem única que, em si, é uma peça de arte", diz. Segundo ele, durante o processo ocorre uma reação química que reduz os sais de plati-

Imagens impressas por platina e paládio possuem ampla gama tonal de cinza e geram belas imagens que duram séculos

▲ TÉCNICA



O processo de preparação do papel, no sentido horário: marcação com lápis da área de contato do negativo; preparo da emulsão de platina, paládio e oxalato de ferro; a solução é misturada em um pequeno copo de vidro; e então despejada com cuidado sobre o papel

na e paládio ao estado de metal puro, que acaba impregnado nas fibras do papel para formar a imagem. "Isso garante impressões longevas, capazes de persistir por séculos ou enquanto durar o papel, sem alterações na imagem", informa.

Graças à qualidade final, à característica artística e, especialmente, à longevidade, a platínotipia é vista com bons olhos por museus e galerias, que sempre olham com desconfiança para as impressões *line art* em jato de tinta. E já conta com adeptos de peso, como o franco-americano Elliott Erwitt, o americano Steve McCurry e o brasileiro Sebastião Salgado – que expôs uma série de 50 imagens do seu trabalho *Gênesis* impressas em platina e paládio na Galeria Phillips, de Londres, em 2013.

Leonardo Bittencourt, um dos poucos (talvez ainda o único) impressor a utilizar a técnica profissionalmente no País, expôs em Itajaí, em 2011, impressões em platina e paládio de sua série intitulada *Tempo Litoral*. Trata-se de uma coleção de 20 imagens que exploram o limite entre terra e mar, algumas delas visões dramáticas e quase abstratas resultantes de longas exposições, que retratam um litoral surpreendente.

Atualmente, ele prepara alguns testes de impressão para o fotógrafo Araquém Alcântara e também ministra workshops pelo Brasil. "O participante aprende todo o processo na prática e termina com duas impressões em alta qualidade", informa. Para 2017, estão confirmados dois workshops em São Paulo (SP), em abril

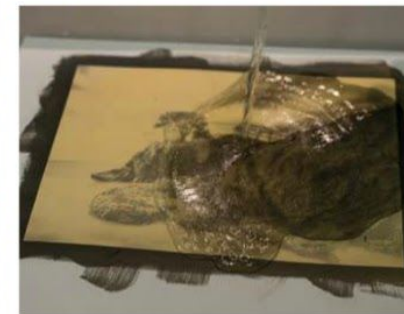


Foto: Leonardo Bittencourt



Acima, a emulsão é espalhada sobre a área a ser impressa com um pincel (à esq.) e o banho de desenvolvimento, que revela a imagem; ao lado, o banho de limpeza

químico, prepara a química combinando cloroplatinato de sódio, cloreto de paládio e o sensibilizante oxalato de ferro. "Cada impressor tem a sua fórmula, já que o resultado muda de acordo com a proporção das substâncias químicas", ensina Leonardo. "É possível também importar kits prontos, mas o controle sobre a imagem será menor", ele avisa.

A emulsão é aplicada no papel com um pincel ou bastão de vidro e, depois, submetida à secagem com um secador de cabelos. "Nessa etapa, o impressor define o tipo de borda que deseja para a imagem, podendo optar por um acabamento irregular, mais artístico e charmoso", comenta.

Segundo Leonardo, o papel é parte crucial para se obter um bom resultado. Ele precisa ser encorpado e resistente para aguentar manipulação e banhos pesados e ter pH neutro, sem características alcalinas, pois isso interferiria na química da emulsão. Alguns produtores de papéis de renome produzem folhas específicas para platínotipia, feitos com fibras de algodão e com gramatura igual ou maior do que 300 g/m².

e em outubro, em datas a serem anunciadas. Há também previsão para Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS) e Salvador (BA). Veja a seguir os passos para a impressão de fotografias por platínotipia e suas características.

PREPARAÇÃO DO PAPEL

A diferença mais significativa para o processo tradicional de impressão por precipitação de sais de prata é que, no processo de platínotipia, o papel precisa ser emulsionado pelo próprio fotógrafo, que, como um al-

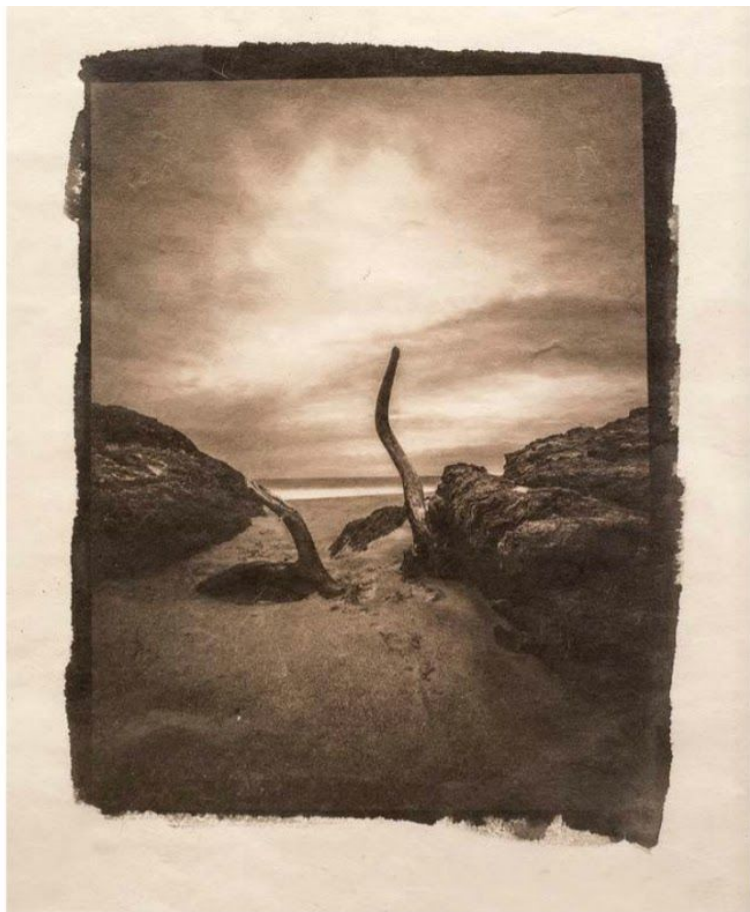


Foto: Leonardo Bittencourt

Papel japonês de fibras de amoreira garante resistência aos banhos químicos e impressões de qualidade em folhas finas

Alguns exemplos são o Cot-320, da Bergger; o Platinum Rag, da Hahnemühle; e o Arches Platine – este mais facilmente encontrado em lojas de papéis artísticos no Brasil. Há ainda papéis especiais produzidos no Japão com a fibra de uma espécie da amoreira – o Kozo paper, que permite a impressão em folhas finas, de 40 g/m² (cerca da metade da gramatura de uma folha de sulfite comum), ou ainda com a fibra Gampi, cujas folhas finíssimas (de 17 g/m²) se assemelham a um tecido de seda.

NEGATIVO E CONTATO

Na platinotipia, a sensibilização do papel emulsionado ocorre por contato direto do negativo, que deve ter o tamanho da impressão final, e exposição à luz UV. “É preciso cuidado no tratamento da imagem digital que vai gerar o negativo em P&B, bem como com a sua impressão, que deve ser feita em uma impressora *fine art*”, diz Leonardo, advertindo que a qualidade do negativo deve ser a maior possível, pois há perda de nitidez devido ao contato.



O fotógrafo e impressor Leonardo Bittencourt e seu ambiente de trabalho: dedicação a impressões por platina e paládio

Para garantir que o contato entre negativo e papel seja perfeito, podem ser usados *frames* como aqueles para serigrafia (que contam com molas para ajuste perfeito) ou ainda mesas a vácuo. Leonardo, no entanto, utiliza um “sanduíche” com duas placas de vidro grossas, solução simples e que, segundo ele, garante ajuste perfeito.

SENSIBILIZAÇÃO

A sensibilização do papel emulsionado é feita por meio de uma fonte de luz ultravioleta. Assim, não é necessário um quarto escuro, como no processo tradicional. “No meu estúdio de impressão, uso uma lâmpada de LED livre de emissão UV, mas é possível usar lâmpada incandescente desde que não ultrapasse os 40 Watts de potência”, garante Leonardo.

Em seu processo, Leonardo busca uma metodologia que permite obter resultados iguais para várias cópias de uma mesma foto-

grafia. Por isso, tudo é controlado, da potência da fonte UV ao tempo de exposição. “Mas há também quem faça a sensibilização com a luz direta do sol”, afirma. “Não haverá tanto controle sobre a exposição, mas o resultado certamente será mais artístico”, diz.

BANHOS QUÍMICOS

Uma vez exposto, o papel precisa ser submetido a banhos químicos que vão revelar a imagem e fixá-la. O primeiro banho, chamado de desenvolvimento, é o revelador em si, e é feito com uma solução de citrato de amônia. “Uma curiosidade é que a imagem aparece quase que instantaneamente”, conta Leonardo. “O tempo médio para esse banho é de cerca de dois minutos”, ensina.

A etapa crucial, segundo o impressor, são os banhos de limpeza, que removerão o ferro residual da redução do sensibilizante oxalato de ferro. “Como o ferro é um metal que sofre oxidação, qualquer traço dele no

papel pode prejudicar a imagem”, adverte. Assim, são feitos três banhos químicos de cinco minutos cada com uma solução EDTA, sendo o terceiro com ácido cítrico ou sulfato de sódio. O última etapa é o banho feito com água corrente durante 30 minutos. Em seguida, basta aguardar a secagem por 24 horas e curtir o resultado.

SERVIÇO

<https://vimeo.com/leonardobittencourt/platinotipia>

O fotógrafo e impressor brasileiro Leonardo Bittencourt (www.leobittencourt.com.br) mostra seu processo de impressão por platinotipia

<https://youtu.be/5fdH67PRiLY>

A fotógrafa Beth Moon imprime suas fotografias em platinotipia e mostra sua técnica

<https://vimeo.com/56474378>

O fotógrafo Oy DeCossa imprime suas fotografias com um impressor especializado em platinotipia e outros processos [em inglês]

www.bostick-sullivan.com

Kits e químicos para platinotipia, papéis especiais e acessórios